



O QUE É UM JARDINEIRO?
NOMES, PRIVILÉGIOS
E FUNÇÕES DE HORTELÃOS
E JARDINEIROS NA IDADE
MODERNA EM PORTUGAL

Ana Duarte Rodrigues

A Aurora Carapinha

Resumo

O principal objetivo deste artigo é definir o que fora um jardineiro durante a Idade Moderna em Portugal, comparando o seu estatuto com outras realidades do Mundo Oriental e Ocidental. Para além disso, a investigação realizada até agora tornou possível dar uma lista atualizada dos jardineiros identificados por Sousa Viterbo (1906).

Palavras-chave: jardineiro; *jardinier*; *sensei*; privilégios; livros

Abstract

The main aim of this article is to define what a gardener was in Portugal during the Early Modern period, by comparing its status with other realities in the Eastern and Western World. Furthermore, the research done so far made possible to give an up-to-date list of the names of gardeners given by Sousa Viterbo (1906).

Keywords: gardener; *jardinier*; *sensei*; privileges; books.

O QUE É UM JARDINEIRO? NOMES, PRIVILÉGIOS E FUNÇÕES DE HORTELÃOS E JARDINEIROS NA IDADE MODERNA EM PORTUGAL

Ana Duarte Rodrigues¹
FCSH/UNL

O que foi um jardineiro durante a Idade Moderna em Portugal é uma questão mais complexa do que possa parecer à primeira vista. Quais eram as funções desempenhadas por um “jardineiro”? Que privilégios lhe eram concedidos? Que estatuto tinha o jardineiro na sociedade portuguesa? Seria este um equivalente do “jardinier du roi”, em França, ou “sensei”, no Japão? E, finalmente, conhecem-se os nomes de alguns jardineiros portugueses? Estas são as questões abordadas neste artigo, sendo de ressaltar desde já que a

¹ Quero agradecer ao meu colega Joaquim Oliveira Caetano por ter dado à História da Arte Portuguesa um texto como “O que é um Pintor?” no catálogo dos Primitivos Portugueses (MNAA), que me inspirou, influenciou, e que me levou a querer refletir sobre “O que é um Jardineiro?”. Apesar da vontade temos consciência que este artigo se trata de um levantamento de documentação que merece estudos mais aprofundados e exploratórios desta mesma documentação, a serem realizados por nós mesmos ou por outros investigadores interessados no tema. Quero também agradecer à minha colega Maria Teresa Caetano a gentileza de me ter convidado para publicar um artigo no número inaugural da revista *Tritão*, o que muito me honra, e ao restaurador Carlos Beloto, incansável colega de trabalho, cuja dedicação à investigação sobre a Quinta Real de Caxias tem revelado tantos outros documentos que generosamente vai partilhando e discutindo comigo. E, especialmente à Prof.^a Doutora Aurora Carapinha, a quem dedico este texto, que muito beneficiou de uma conversa tida em Évora.

investigação realizada até ao momento revelou um avultado número de documentos que conduziram a novas perguntas, que deixaremos para outras instâncias.

Na China, já no século XI, como constatamos no *Sakuteiki* (1094) a profissão de jardineiro tinha um estatuto elevado (MORI 1979, p. 251). William Chambers chega deslumbrado da China, onde a jardinagem é uma profissão distinta, à qual os jardineiros chegam depois de serem pintores ou filósofos, de onde decorrem os estreitos laços com estas disciplinas². No Japão, país onde os jardins foram claramente influenciados pela China, *Niwa-shi* significa “mestre jardineiro”, sendo que *shi* participa também no título de Filósofo - *zen-shi* -; *sensei* também tanto se aplica a professores, a médicos, e a todos os que têm uma atividade criativa, conforme os jardineiros. Neste sentido, quando se fala de um *niwa-shi* não sabemos se a tradução é jardineiro ou arquiteto paisagista, enquanto se for *sensei* terá de ser obrigatoriamente um arquiteto paisagista (MORI 1979, p. 250). Na linguagem científica, emprega-se o termo *teien* no *sakusha*, referindo-se ao criador de jardins, e aplica-se este título tanto ao desenhador de jardins quanto aos que executam o projeto. No Japão a tarefa de bem dispor as pedras é primordial. Já a tarefa de cultivar as plantas é de menor importância e está ao cargo de *uekiya-san*.

Os mestres jardineiros que dominam o período mais longo da história da jardinagem do Japão são os padres, oriundos da nobreza que se retirou para os templos (no final do período Heian), mas que trabalhavam tanto nos jardins dos templos como nos jardins seculares (MORI 1979, p. 252). Porém, existe um outro percurso para os artesãos mestres-jardineiros, bem menos nobre. Provenientes de origens mais humildes, aqueles que transportavam as pedras para os jardins, escavavam lagos e plantavam árvores, contudo fizeram-no

² “Their Gardeners are not only Botanists, but also Painters and Philosophers, having a thorough knowledge of the human mind, and of the arts by which its strongest feelings are excited. It is not in China, as in Italy and France, where every petty Architect is a Gardener; [...] In China, Gardening is a distinct profession, requiring an extensive study; to the perfection of which few arrive. The Gardeners there, far from being either ignorant or illiterate, are men of high abilities, who join to good natural parts, most ornaments that study, travelling, and long experience can supply them with: it is in consideration of these accomplishments only that they are permitted to exercise their profession; for with the Chinese the taste of Ornamental Gardening is an object of legislative attention, it being supposed to have an influence upon the general culture, and consequently upon the beauty of the whole country.”, in CHAMBERS 1772, pp. 11-12. Consultável online em <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k987925/f1.image>.

com tal arte que ascenderam socialmente e passaram a ser reconhecidos como mestres-jardineiros (MORI 1979, p. 258). No período Muromachi apareceram trabalhadores especializados, com o nome de *niwamono* ou, mais precisamente, *senzui Kawaramono*, significando “as gentes da paisagem da margem do rio”, o que indica a sua origem (MORI 1979, p. 258). Desde os tempos mais recuados que é reconhecido aos mestres-jardineiros o estatuto de artista, pois o seu trabalho sempre esteve muito perto do dos escultores, arquitetos e pintores.

No século XVII em França a profissão de jardineiro passou por uma transformação idêntica à dos mestres-pedreiros, que se tornaram arquitetos, cinquenta anos antes. Apesar da terminologia não se ter alterado como no caso dos arquitetos, o facto de se apoiarem num corpo teórico que ultrapassava a agronomia, fá-los-á adquirirem um outro estatuto. Esse movimento de ascensão social resulta da concorrência entre os vários grupos de pessoas autorizadas a venderem os seus frutos e vegetais nos mercados públicos de Paris: mestres jardineiros, os seus associados, vendedores suburbanos, e finalmente a burguesia da cidade e dos seus subúrbios que queriam retirar o máximo partido das suas propriedades. Cerca de 1600, a comunidade de mestres-jardineiros de Paris e arredores fizeram uma série de tentativas para obter a confirmação régia dos seus estatutos e insistiam que para se ser mestre-jardineiro se deviam ter quatro anos de aprendizagem com alguém da mesma profissão e dois anos a trabalhar numa obra, ou seja, não era qualquer um que poderia desempenhar a profissão e vender os bens que daí resultassem.

Assim, a partir do século XVII, a jardinagem era uma atividade em França organizada em corporação e os jardineiros tinham os seus estatutos definidos onde se distinguiu entre “les jardiniers fleuristes, les jardiniers pépiniéristes, les jardiniers botanists” (CONAN s.d., p. 137). Podiam-se tratar de jardineiros que cultivavam flores para venda mas, também se podia dar o caso de serem considerados criadores, porém sem o estatuto que os jardineiros gozavam no Oriente. Jacques Boyceau (c. 1560-1633) no seu tratado dedica algumas linhas à definição de *jardinier* e refere precisamente que o jardineiro não necessita ter estudos de pintura ou escultura, contudo deve revelar alguma sensibilidade

pelo belo e deve conhecer as questões da sua arte, como os compartimentos, as folhas, os arabescos e outros elementos com que geralmente são compostos os *parterres*³. Boyceau salienta que para o jardim utilitário não é preciso uma preparação literária e que os conhecimentos requisitados são sobretudo de agronomia⁴. Contudo, Boyceau alerta para o facto de o jardineiro dever ser quase um arquiteto⁵, versado em todas as ciências para bem cultivar e trabalhar o terreno, capaz de transferir o desenho para o mesmo e de dominar as obras de embelezamento que requer um jardim de prazer⁶. Foi esta evolução no conceito de jardineiro que permitiu a André Le Nôtre (1613-1700), “jardinier du roi”, atingir o estatuto de grande artista, de grande arquiteto paisagista.

³ “Ayant entrepris de parler des arbres et plantes, et des choses convenantes aux jardins; il est aussi raisonnable de dire quelque chose du jardinier, sans l’adresse et suffisance duquel nous ne pourrions venir à bout de notre besogne. [...] Or tout ainsi que nous choisissons pour notre jardin les arbres jeunes, la tige droite, de belle venue, bien appuyée de Racine de tous costez, et de bonne race: prenons aussi un jeune garçon de bonne nature, de bom esprit, fils d’un bom travailleur, non delicat, ains ayant apparence qu’il aura bonne force de corps avec l’aage, attendant laquelle force nous luy ferons apprendre à lire et escrire, à pourtirer et desseigner; car de la pourtraiture dépend la connoissance et jugement des choses belles, et le fondement de toutes les mechaniques; non que j’entende qu’il aille jusques à la peinture, ou sculpture, mais qu’il s’employe principalement aux particularitez qui regardent son art comme les compartiments, feuillages, moresques, et arabesques, et autres, dont sont ordinairement composez les parterres [...]”, in BOYCEAU 1638, p. 30. Consultável online em <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k85648g/f1.image>.

⁴ “[...] reste le jardin d’utilité qui provient des fruitcs et des plantes qui sont mangées, où il faut non moins d’intelligence et de travail qu’en l’autre, la connoissance de la nature des terres fort différente, y est encore plus nécessaire, celle des siens divers, de la différence des climats et des aspects, celle des vents et de la Lune, jusques à pouvoir user de pronostique pour prevoir les temps: faut avoir la connoissance des plantes, qui est une grande science; sçavoir leur nature, et l aculture qu’elles demandent, les saisons de semer leurs graines, de les avancer, les transplanter pour les faire croistre, retarder, et conserver, blanchir et attendrir, et infinies autres particularitez encor, qu’il faut que le jardinier sçache pour faire et pour enseigner ses gens, car tant et tant de choses ne se font pás par un homme seul”. Cf. BOYCEAU 1638, p. 31.

⁵ “[...] commençant à profiter en pourtreiture, il faudra monter à la géométrie, pour les plans, départemens, mesures et alignemens, voire s’il est gentil garçon jusques à l’architecture pour avoir intelligence des membres qui font besoin aux corps relevez, et apprendra l’arithmétique pour les supputations des dépenses qui pourront passer par ses mains, afin qu’il ne se trompe, ou ne se laisse tromper quand il sera besoin d’achapts et fournitures de plan, ou autres matieres.”, in BOYCEAU 1638, p. 30.

⁶ “Toutes lesquelles sciences, il faut apprendre en jeunesse, s’il est possible, afin qu’estant en aage suffisant de travailler aux jardins, il commence par la besche à labourer avec les autres manevres, apprenant à bien dresser les terres, plier, redresser, et lier le bois pour les ouvrages de relief: tracer sur terre ses desseins, ou ceux qui luy seront ordonnez, planter et tondre les parterres, et avec la faucille à long manche les pallissades, et plusieurs autres particularitez qui regardent les embellissemens des jardins de plaisir; [...]”, in BOYCEAU 1638, pp. 30-31.

A metodologia comparativa permitiu-nos apurar que o estatuto dos jardineiros em Portugal durante a Idade Moderna não é o mesmo que o alcançado nestas outras paragens, tanto no Oriente quanto no Ocidente.

Relativamente à definição de jardineiro, o livro de referência, o *Vocabulário* do padre Raphael Bluteau não nos esclarece completamente porque as informações que nos dá são muito poucas: “JARDINEIRO. O que cultiva hum jardim. *Horti, ou hortorum cultor* [...] Jardineiro, que tosquia a murta, & nella representa varias figuras. *Topiarius*” (BLUTEAU 1728, tomo IV, p. 15). Ainda assim, é interessante constatar que jardineiro era quem fazia as plantações do jardim, mas também o artesão que dominava a arte da *nemora tonsilia*. Por exemplo, entre as funções da jardinagem num arrendamento da Quinta da Bacalhoa datado de 1674, “impunha [-se] ao rendeiro da quinta a obrigação de tosquiar o buxo do jardim e ruas duas vezes por ano e limpar os craveiros dos alegretes...” (CARITA 1990, p. 57).

Efetivamente, o jardineiro em Portugal parece ter sido sempre aquele que cultivou o jardim. Não teria tido a seu cargo a conceção, o desenho do jardim, atividade desempenhada entre nós por encomendantes e arquitetos, que trabalhariam lado a lado com alguém que percebesse do cultivo das plantas – o hortelão ou o jardineiro (palavras que pelo menos nos séculos XV e XVI definem uma mesma realidade) –, ambos com a proteção de São Fiacre, cujos atributos são a pá e um ramo de flores na mão.

O cargo de hortelão ou jardineiro não deixou, porém, de ser bem recompensado e de gozar de alguns privilégios. O facto de D. João II mandar vir em 1494 de Valencia – terra célebre pelos seus hortelãos – um jardineiro bem afamado, de seu nome Gomes Fernandes, para cultivar os hortos dos seus paços em Évora⁷, revela a importância que esta função tinha no seu entender. De Florença, consultando a corte dos Médicis, tinha mandado vir um

⁷ Cf. ANTT, Chancelarias de D. Manuel I, Livro 2, fol. 114, in CARITA 1990, p. 33. O hortelão do rei é, mais tarde, nomeado escudeiro sob a guarda e encomenda do rei D. Manuel I. Cf. ANTT, Chancelaria de D. Manuel I, liv. 17, fl. 10. A grande maioria destes documentos são consultáveis online e só por razões de economia de espaço não colocamos todos os links. Gomes Fernandes realizou os hortos do Paço, o de S. Francisco em Évora e o Real de Valência. Cf. CARAPINHA 1995, p. 80 e ss.

promissor escultor, Andrea Sansovino (c. 1467-1529), e agora mandava vir um jardineiro da região onde os havia famosos.

Em Lisboa, desde o início do século XVI que temos notícia de existir o cargo de jardineiro para cuidar dos jardins do Paço da Ribeira. O hortelão Pero Anes seria provavelmente o jardineiro do rei, herdando o cargo a sua descendência: António da Cruz, Jerónimo de Carvalho e Amaro Gonçalves (VITERBO in SENOS 2002, p. 156). A rainha D. Maria (1482-1517), segunda mulher de D. Manuel I (1469-1521), tinha um jardineiro de seu nome Filipe de Barrosa (provavelmente Filipe de Barreira) a quem concedera vários privilégios, a começar pelo título com que era conhecido *jardineiro da rainha* (SENOS 2002, p. 157) e pelas avultadas quantias que auferia: a 17 de Março de 1514 Afonso Monteiro estipula que o salário deste jardineiro seja de 30 reais por dia, e no mesmo ano, a 14 de Maio, Tomé Lopes ordena ao almoxarife das obras das casas da Guiné que pague a Filipe de Barreira, 1.830 reais de soldo (SENOS 2002, p. 157).

Para além da obrigação de cuidar do jardim, uma das funções dos jardineiros da rainha era dar comida aos animais que se encontravam no jardim. Sabemos que D. Pedro de Castro a 27 de Agosto de 1515 mandou o almoxarife do reguengo de Algés dar a Filipe de Barreira, um moio de cevada para a comida dos pássaros e coelhos que andavam no Jardim da Rainha do Paço da Ribeira⁸.

Já no tempo da terceira mulher de D. Manuel I, a 7 de Junho de 1519, foi ordenado dar ao jardineiro de D. Leonor de Áustria (1498-1558) dos jardins do Paço da Ribeira (mas não se sabe qual pois a rainha tinha vários jardineiros) uma cortina para o retábulo⁹ (que este teria em sua casa ou para o oratório do jardim?). Em 1690, no tempo de D. Pedro II (1648-1706), era jardineiro dos Jardins do Paço da Ribeira já fazia dois anos, António Ferreira Lima, filho de Gonçalo Antunes, quando lhe é feita a mercê do “off.º de Jardin.ro dos Jardins dos Pasos da Ribr.”¹⁰.

⁸ ANTT, Corpo Cronológico, Parte II, mç. 60, n.º 25.

⁹ ANTT, Corpo Cronológico, Parte I, mç. 24, n.º 88.

¹⁰ ANTT, Registo Geral de Mercês de D. Pedro II, liv. 6, fl. 239.

No Palácio de Salvaterra de Magos¹¹ havia também jardins cuidados, tendo em conta os vários jardineiros que lá trabalharam. Dos Paços Reais de Salvaterra de Magos chegam-nos notícias dos jardineiros da rainha D. Catarina, mulher de D. João III. Em 24 de Julho de 1556, a rainha ordena ao tesoureiro Álvaro Lopes que dê a João Francisco, hortelão dos Paços de Salvaterra, 3.500 reais que este despendeu na destilação das águas¹². Em 25 de Junho de 1572, D. Catarina manda o seu tesoureiro Afonso de Freitas, dar ao hortelão Pedro Anes¹³ 2 mil reais¹⁴. Foram ainda jardineiros dos jardins dos Paços de Salvaterra: Diogo Rodrigues da Costa¹⁵ (século XVI), António da Costa¹⁶ (século XVII), Domingos Gonçalves da Costa¹⁷ (século XVII) e António Afonso da Silva, que a 20 de Fevereiro de 1658, recebia a mercê do ofício de jardineiro do horto dos Paços de Salvaterra¹⁸. Durante o tempo dos Filipes, destacou-se sobretudo o jardineiro Rodrigo Álvares que trouxe a experiência do jardim clássico de Aranjuez e de Casa de Campo para os jardins dos Paços de Évora, Almeirim e Salvaterra (CORREIA e GUEDES 1989, p. 25), passando estes provavelmente, na opinião de Aurora Carapinha, da retalhada justaposição do espaço, característica do jardim mudéjar, para a unidade espacial assente na geometria, própria dos jardins renascentistas (CARAPINHA 1995, p. 85 e ss). Dos jardineiros que trabalharam nos jardins do Paço de Vila Viçosa temos notícias que eram oriundos do território hoje denominado Espanha. Aqui trabalhará um Lores entre 1594 e 1596 e Miguel de Alcalá entre 1596 e 1615 (CARITA 1990, p. 114). Mais tarde, sabemos que no Paço de Vila Viçosa, D. João tinha, em plena Guerra da Restauração, “Jardineiros mui primos na arte de suas curiosidades” (CARITA 1990, p. 129), conforme nos conta Frei Manuel

¹¹ Vide Joaquim Manuel da Silva CORREIA e Natália Brito Correia GUEDES, *O Paço Real de Salvaterra de Magos: a corte, a ópera, a falcoaria*, Lisboa: Livros Horizonte, 1989.

¹² ANTT, Corpo Cronológico, Parte I, mç. 99, nº 27. Sobre João Francisco *vide* VITERBO 1906, p. 117-118.

¹³ Como não é fora do vulgar a profissão de hortelão passar de pais para filhos, é de fazer notar que nome idêntico tinha um hortelão de Lagos em 1495.

¹⁴ ANTT, Corpo Cronológico, Parte I, mç. 110, nº 9.

¹⁵ Id., *ibidem*, vol. 54, nº 5.

¹⁶ Cf. Sousa Viterbo escreve algumas notas sobre ele e transcreve um documento dos ANTT, Chancelaria de D. Filipe II, Doações, liv. 9, fl. 331, in VITERBO 1906, p. 4.

¹⁷ Id., *ibidem*, vol. 54, nº 3, p. 177.

¹⁸ ANTT, Registo Geral de Mercês, D. Afonso VI, liv. 12, fl. 229v.

Calado em *O Valeroso Luciderno* (1648). Já depois da Guerra da Aclamação, virá a ter o cargo de jardineiro-mor do reino, Afonso de Alcalá (provavelmente descendente de Miguel de Alcalá), que já tinha o cargo em 1683 quando António Cadornega descreve Vila Viçosa. Pelo texto de Cadornega percebe-se que o jardineiro-mor dirigia o trabalho de muitos homens com o objetivo de conservar e cuidar dos jardins: “Havendo, em a curiosidade destes Jardins Reais, Jardineiro-mor, que era Afonso de Alcalá, com outros muitos homens que faziam o que ele mandava à conservação e realeza daquela vistosa, aprazível e cheirosa grandeza, todos com bons salários e moradias” (CADORNEGA 1982, p. 88).

Saindo da esfera régia, não deixamos de encontrar hortelãos famosos e alvos de privilégios. O hortelão Jaime Fernandes trabalhava para o barão de Alvito e a 28 de Março de 1504 este ordena a Álvaro Velho que dê ao dito hortelão um vestido para um mancebo que o ajudava¹⁹. Jaime Fernandes virá depois a ocupar a função de hortelão da Horta e Laranjal da cidade de Évora, tendo-lhe sido feita doação, e a todos os seus herdeiros, de um chão sito nessa cidade²⁰.

Outro hortelão que trabalha nesta altura em Évora era Diogo Martins, que laborava para o bispo D. Afonso de Portugal (c. 1462-1522), bisneto do rei D. João I. Neste âmbito, foi-lhe instituída em 18 de Novembro de 1510 a obrigação de tratar do pomar do bispo, recebendo em troca um moio de trigo e 1000 reais em dinheiro²¹.

Um pouco por todo o país, surgem nomes de hortelãos, mas em menor quantidade dos que encontrados no Alentejo. Pero Vaz, hortelão de Santarém a quem foi concedido o privilégio de espingardeiro real em 24 de Março de 1487, vê ser confirmado o seu privilégio em 31 de Maio de 1502, continuando a gozar dos privilégios habituais inerentes ao ofício²². Sabemos também da existência de um hortelão conhecido como Mestre Pedro, pois a 20 de Janeiro

¹⁹ ANTT, Corpo Cronológico, Parte II, mç. 8, nº 54.

²⁰ ANTT, Chancelaria de D. Manuel I, liv. 19, fl. 6v.

²¹ ANTT, Corpo Cronológico, Parte II, mç. 24, nº 28.

²² ANTT, Chancelaria de D. Manuel I, liv. 6, fl. 100v.

de 1511 o almoxarife de Almeirim, Afonso Monteiro, recebeu de Pedro Fernandes, recebedor das jugadas de Santarém, um tonel de vinho para o dito hortelão²³, o que volta a acontecer em 1518²⁴. E, de um outro, chamado Álvaro Pires, provavelmente dos Açores, pois em Setembro de 1512, recebe do rendeiro das ilhas dos Açores – Luís Vaz – 30 alqueires de trigo, e ficou de pagar por eles 750 reais no ano seguinte²⁵. O hortelão Gonçalo Afonso, morador em Santarém, vende uma herdade que recebera por morte de Catarina Lourenço, sua sogra, e de Maria Anes, avó de sua mulher²⁶. O hortelão Jorge Vaz, de Beja, obtém a confirmação da venda de uma horta em Dezembro de 1520²⁷.

Sabe-se também que a um hortelão do mosteiro de Jesus de Setúbal foi concedido o privilégio de ser escuso dos habituais encargos do concelho a 19 de Julho de 1510²⁸. Mas, uma das formas mais comuns com que hortelãos de quinhentos de norte a sul do país foram recompensados, foi recebendo o privilégio de espingardeiro (que consiste no privilégio de possuir espingarda), como constatamos pela quantidade de documentos encontrados. Assim, ao hortelão João Afonso, morador em Vale Bom de Santarém, é concedido a 24 de Janeiro de 1510 o privilégio de espingardeiro²⁹; a João Fernandes, morador na vila de Elvas, em 16 de Julho de 1510³⁰; a João Álvares, solteiro, morador em Alvalade, em 21 de Março de 1511³¹; a Pero Gonçalves, morador em Trancoso, em 7 de Maio de 1511³²; a Diogo Monteiro, morador no Funchal, em 17 de Maio de 1512³³; a Domingos Dias, morador em Coimbra, é renovado o privilégio de espingardeiro em 26 de Abril de 1514³⁴; e a Fernão de Afonso,

²³ ANTT, Corpo Cronológico, Parte II, mç. 24, nº 197.

²⁴ Trespelo de um alvará pelo qual o rei D. Manuel I manda ao almoxarife das jugadas de Santarém que, pelo rendimento delas, pague a mestre Pedro, hortelão da horta da vila de Almeirim, um tonel de vinho de seu mantimento. Cf. ANTT, Corpo Cronológico, Parte II, mç. 78, nº 79.

²⁵ ANTT, Corpo Cronológico, Parte II, mç. 36, nº 47.

²⁶ ANTT, Chancelaria de D. Manuel I, liv. 15, fl. 51.

²⁷ ANTT, Chancelaria D. Manuel I, liv. 35, fl. 130.

²⁸ ANTT, Chancelaria D. Manuel I, liv. 3, fl. 33v.

²⁹ ANTT, Chancelaria de D. Manuel I, liv. 36, fl. 51.

³⁰ ANTT, Chancelaria de D. Manuel I, liv. 41, fl. 40v.

³¹ ANTT, Chancelaria de D. Manuel I, liv. 41, fl. 12.

³² ANTT, Chancelaria de D. Manuel I, liv. 41, fl. 30v.

³³ ANTT, Chancelaria de D. Manuel I, liv. 7, fl. 28v.

³⁴ ANTT, Chancelaria de D. Manuel I, liv. 7, fl. 22v.

casado e morador no Vale de Xabregas, então nos arredores de Lisboa, é concedido privilégio de espingardeiro em 1 de Agosto de 1519³⁵.

Ainda em Lisboa, temos notícia de um hortelão Pedro que recebe, em 1510, 10,350 reais de tença de João Rodrigues, recebedor da sisa da fruta de Lisboa³⁶, e no Vale de Xabregas, de um hortelão chamado Gonçalo Lourenço, que tem a confirmação do emprazamento a 22 de Novembro de 1504, de umas casas da capela de Aldonça Rodrigues, a pequenina, em Lisboa, na Rua de Santo Estevão, freguesia de Santo Estêvão, por foro anual de 600 reais de prata, e ainda mais 30 reais de prata a pagar em Março, com as confrontações, medições e condições declaradas³⁷, e de outro hortelão de nome João Fernandes, homem casado, do qual existe uma carta de 29 de Novembro de 1520³⁸.

Eram jardineiros no século XVII em Lisboa António Troiano³⁹, oriundo de Ronde, Reino de Granada, e filho de António Troiano e de Maria Flores⁴⁰; Álvaro Fernandes⁴¹; e João Felices, oriundo de Pechina, bispado de Almeria, reino de Granada⁴². Todos eles tinham em comum serem oriundos de Granada e encontrarem-se em Lisboa a exercer a profissão de jardineiros quando foram acusados, ou alguém da sua família, de heresia por crença no Islão.

No decorrer desta investigação deparámo-nos com um considerável número de documentos de hortelãos, que pouco mais nos dão por ora do que o nome, o local de trabalho e a data de execução do documento, destacando-se o facto de se concentrarem no distrito de Portalegre e, sobretudo, em Elvas. A quantidade de documentação encontrada de hortelãos em Elvas, quando comparado com o volume encontrado para o resto do país, é significativa e

³⁵ ANTT, Chancelaria de D. Manuel I, liv. 44, fl. 86v.

³⁶ ANTT, Corpo Cronológico, Parte II, mç. 21, nº 51.

³⁷ ANTT, Chancelaria D. Manuel I, liv. 22, fl. 103v.

³⁸ ANTT, Chancelaria D. Manuel I, liv. 35, fl. 118.

³⁹ Acusado de Islamismo a 10.04.1615. Cf. ANTT, Tribunal do Santo Ofício, Inquisição de Lisboa, proc. 4204.

⁴⁰ Pai de Diogo de Cardenas, acusado de Islamismo em 10.04.1623. Cf. ANTT, Tribunal do Santo Ofício, Inquisição de Lisboa, proc. 1429.

⁴¹ Cujo filho Jorge Fernandes foi acusado de Islamismo a 24.07.1635. Cf. ANTT, Tribunal do Santo Ofício, Inquisição de Lisboa, proc. 6494.

⁴² Cf. ANTT, Tribunal do Santo Ofício, Inquisição de Lisboa, proc. 5470.

deverá ter alguma explicação cabal, mas que por ora nos escapa, pelo que nos vamos limitar a apresentar os resultados obtidos.

Nos finais do século XVII, princípios do XVIII, eram hortelãos em Elvas Domingos Fernandes⁴³; Pero Vaz Mexia que fez testamento juntamente com sua mulher Ana Gonçalves em 31 de Agosto de 1688⁴⁴; Manuel Fernandes, hortelão da Horta do Sebastião⁴⁵; Manuel Fernandes que deixa testamento cerrado em 27 de Abril de 1691⁴⁶; Pedro Fernandes, hortelão da Horta da Lagem que deixa testamento cerrado de 16 de Março de 1693⁴⁷; Francisco Nunes, que deixa testamento cerrado em 5 de Dezembro de 1695⁴⁸; Manuel Nunes da Herdade da Taborda em Gil Navalha, que deixa em testamento de 20 de Outubro de 1697, doze missas rezadas em cada ano por sua alma por morte de sua mulher Ana Rodrigues⁴⁹; Manuel Lourenço, que deixa testamento cerrado de 20 de Outubro de 1700⁵⁰; Sebastião Fernandes que deixa testamento cerrado em Fevereiro de 1705⁵¹; Manuel Fernandes que deixa testamento cerrado de Julho de 1705⁵²; Manuel Rodrigues que deixa testamento cerrado de Janeiro de 1705⁵³; Mateus Gonçalves que deixa testamento a 5 de Novembro de 1704⁵⁴. Havia também um João Jorge, hortelão da quinta de João de Brito de Carvalho, extramuros da cidade de Elvas, cuja mulher deixa testamento cerrado de 13 de Dezembro de 1701⁵⁵.

⁴³ Cf. Arquivo Distrital de Portalegre, Provedoria da Comarca de Elvas 1558/1834, cx. 10. – Testamento solene de 3 de Agosto de 1694, com que faleceu Catarina Rodrigues mulher que foi de Domingos Fernandes hortelão morador que foi nesta cidade de Elvas.

⁴⁴ Cf. Arquivo Distrital de Portalegre, Provedoria da Comarca de Elvas 1558/1834, cx. 10.

⁴⁵ Cf. Arquivo Distrital de Portalegre, Provedoria da Comarca de Elvas 1558/1834, cx. 10. Trelado do testamento com que faleceu Violante Borges mulher de Manuel Fernandes hortelão da Horta do Sebastião de 28 de Julho de 1694.

⁴⁶ Cf. Arquivo Distrital de Portalegre, Provedoria da Comarca de Elvas 1558/1834, cx. 1.

⁴⁷ Cf. Arquivo Distrital de Portalegre, Provedoria da Comarca de Elvas 1558/1834, cx. 4.

⁴⁸ Cf. Arquivo Distrital de Portalegre, Provedoria da Comarca de Elvas 1558/1834, cx. 4.

⁴⁹ Cf. Arquivo Distrital de Portalegre, Provedoria da Comarca de Elvas 1558/1834, cx. 11.

⁵⁰ Cf. Arquivo Distrital de Portalegre, Provedoria da Comarca de Elvas 1558/1834, cx. 4.

⁵¹ Cf. Arquivo Distrital de Portalegre, Provedoria da Comarca de Elvas 1558/1834, cx. 5.

⁵² Cf. Arquivo Distrital de Portalegre, Provedoria da Comarca de Elvas 1558/1834, cx. 4.

⁵³ Arquivo Distrital de Portalegre, Provedoria da Comarca de Elvas 1558/1834, cx. 4. Existe um documento do Arquivo Distrital de Portalegre, Ouvidoria da Comarca de Avis 1596/1840, cx. 6 sobre o Testamento com que faleceu Escolástica Rodrigues mulher de Manuel Rodrigues Hortelão, podendo tratar-se do mesmo.

⁵⁴ Cf. Arquivo Distrital de Portalegre, Provedoria da Comarca de Elvas 1558/1834, cx. 4.

⁵⁵ Do qual só temos conhecimento pelo testamento cerrado de sua mulher Isabel Rodrigues de Dezembro de 1701. Cf. Arquivo Distrital de Portalegre, Provedoria da Comarca de Elvas, cx. 1.

Importa sublinhar que não existe certeza, com o estado atual da investigação, de estes hortelãos se tratarem de figuras equivalentes às que falávamos anteriormente, pois ainda que nos séculos XV e XVI, a função do hortelão fosse equivalente à de um jardineiro, esse dado já não é assim tão claro no século XVIII. O *Vocabulário* do padre Raphael Bluteau define hortelão como “HORTOLAM, ou Ortelão. Aquelle, que cultiva a hortaliça. [...] hortulanus não se acha nos autores da boa Latinidade” (BLUTEAU 1728, tomo IV, p. 63) . Noutro tomo lê-se uma definição mais generalista, na qual ainda cabe a definição de jardineiro: “Ortelão. Vid. Hortolão. He ortelão, cultiva as plantas⁵⁶” (BLUTEAU 1728, tomo VI, p. 124).

Continuam a aparecer nomes de hortelãos de Elvas pelo século XVIII. Assim, Diogo Gonçalves era hortelão da Horta do Espeto e deixa testamento cerrado em 26 de Agosto de 1730⁵⁷; Manuel Fernandes era hortelão da Horta do Bispo e deixa testamento a 15 de Fevereiro de 1715⁵⁸; Domingos Gonçalves, em Gil Navalha, Elvas, deixa testamento em 15 de Setembro de 1719⁵⁹; e outro, curiosamente com o mesmo nome era hortelão da Horta da Maia e deixa testamento em 9 de Novembro de 1728⁶⁰; João Rodrigues, com testamento de 12 de Novembro de 1740, que trabalhava na horta ao porto da ribeira do Zável e no qual deixa uma vinha à irmandade por morte de uma sua irmã⁶¹; António Rodrigues era hortelão da cidade de Elvas⁶²; Manuel Gomes que deixou testamento de 22 de Março de 1756⁶³ era hortelão em Elvas à Ponte das Hortas; André Gonçalves que deixa um traslado da verba do testamento em 13 de Fevereiro de 1755⁶⁴; Domingos Rodrigues que deixa testamento cerrado em

⁵⁶ “PLANTA. Debayxo deste nome genérico se entende qualquer arvore, arbusto, flor, herva, & corpo vegetante, que da superfície da terra, ou fora della, como nas paredes, & telhados, ou debayxo da agua, brota, cresce, & se augmenta no mesmo lugar, em que nasce, por meyo das raízes, que lança, ou sem raízes...”, in BLUTEAU 1728, tomo VI, p. 543.

⁵⁷ Cf. Arquivo Distrital de Portalegre, Testamentos cerrados, cx. 6.

⁵⁸ Cf. Arquivo Distrital de Portalegre, Provedoria da Comarca de Elvas, cx. 05.

⁵⁹ Cf. Arquivo Distrital de Portalegre, Testamento cerrado de Domingos Gonçalves, Hortelão da Horta da Maia, cx. 12.

⁶⁰ Cf. Arquivo Distrital de Portalegre, Testamento cerrado de Domingos Gonçalves, Hortelão da Horta da Maia, cx. 6.

⁶¹ Cf. Arquivo Distrital de Portalegre, Provedoria da Comarca de Elvas, cx. 13.

⁶² Cf. Arquivo Distrital de Portalegre, Provedoria da Comarca de Elvas 1556/1834, cx. 14. Trata-se de uma missão rezada cada ano pela alma de uma defunta de que ao presente dá conta António Rodrigues hortelão a qual se acha imposta em uma morada de casas na Rua das Parreiras desta cidade, traslado de escritura datada de 7 de Janeiro de 1705. Há um novo documento sobre o mesmo assunto de 9 de Agosto de 1713.

⁶³ Cf. Arquivo Distrital de Portalegre, Provedoria da Comarca de Elvas 1556/1834, cx. 2.

⁶⁴ Cf. Arquivo Distrital de Portalegre, Provedoria da Comarca de Elvas 1556/1834, cx. 18.

3 de Setembro de 1761⁶⁵; Manuel Afonso, hortelão da Herdade do Correio-mor, que deixa testamento cerrado em 3 de Outubro de 1761⁶⁶; e Domingos António que deixa testamento cerrado em Novembro de 1765⁶⁷. Ainda pertencendo à Comarca de Elvas, temos notícia de um hortelão em Olivença, Manuel Fernandes, que deixa no seu testamento vinte missas rezadas em uma enxertia no Vale de Açor em 12 de Agosto de 1744, treslado parcial do original datado de 17 de Abril de 1737⁶⁸. Igualmente do distrito de Portalegre, eram hortelãos Miguel Ribeiro, hortelão em Portalegre, com testamento cerrado a 30 de Abril de 1721⁶⁹; António Martins Faleiro, hortelão em Portalegre, que deixa testamento cerrado a 9 de Janeiro de 1726⁷⁰; Diogo Gonçalves, hortelão da Horta do Espeto, com testamento cerrado em 26 de Agosto de 1730⁷¹; Sebastião Rodrigues que deixa testamento cerrado em 29 de Julho de 1736⁷² e pouco antes, a 12 de Janeiro de 1736, tinha deixado testamento cerrado Margarida Gonçalves, sua mulher⁷³; António da Silva, hortelão da Horta do Taçalho no termo da vila de Avis, que deixa testamento cerrado de de 26 de Fevereiro de 1756⁷⁴; e, finalmente, já no final do século XVIII, ainda temos notícia do hortelão José Caetano que trabalhava na Horta das Antas no termo da vila de Fronteira e deixa testamento em 28 de Fevereiro de 1793⁷⁵.

O núcleo de jardineiros sobre os quais temos mais informação e que nos permite perscrutar as suas funções, os seus salários, os privilégios que tinham e onde viviam, é da Real Quinta de Queluz, desde meados do século XVIII até 1824. Em meados do século XVIII destaca-se a figura de Gerrit van der Kolk, o

⁶⁵ Cf. Arquivo Distrital de Portalegre, Provedoria da Comarca de Elvas 1556/1834, cx. 7.

⁶⁶ Cf. Arquivo Distrital de Portalegre, Provedoria da Comarca de Elvas 1556/1834, cx. 2.

⁶⁷ Cf. Arquivo Distrital de Portalegre, Provedoria da Comarca de Elvas 1556/1834, cx. 02.

⁶⁸ Cf. Arquivo Distrital de Portalegre, Provedoria da Comarca de Elvas 1556/1834, cx. 14.

⁶⁹ Arquivo Distrital de Portalegre, Provedoria da Comarca de Portalegre, cx. 15.

⁷⁰ Arquivo Distrital de Portalegre, Provedoria da Comarca de Portalegre, cx. 16.

⁷¹ Arquivo Distrital de Portalegre, Ouvidoria da Comarca de Avis 1596/1840, Testamento cerrado de Diogo Gonçalves, hortelão, cx. 6. Consultável online.

⁷² Arquivo Distrital de Portalegre, Ouvidoria da Comarca de Avis 1596/1840, Testamento de Sebastião Rodrigues hortelão, cx. 4. Consultável online.

⁷³ Arquivo Distrital de Portalegre, Ouvidoria da Comarca de Avis 1596/1840, Testamento cerrado de Margarida Gonçalves, mulher de Sebastião Rodrigues hortelão, cx. 4. Consultável online.

⁷⁴ Arquivo Distrital de Portalegre, Ouvidoria da Comarca de Avis 1596/1840, Testamento cerrado de António da Silva Hortelão da Horta do Taçalho Termo da Vila de Avis, cx. 7.

⁷⁵ Arquivo Distrital de Portalegre, Ouvidoria da Comarca de Avis 1596/1840, Testamento com que faleceu da vida presente José Caetano Hortelão da Horta das Antas Termo desta vila de Fronteira, cx. 3.

famoso jardineiro chegado da Holanda a 4 de Março de 1755 (LUCKHURST 2011, p. 16) no tempo em que D. Pedro pretende transformar o velho paço dos Castelo Rodrigo e terrenos adjacentes numa quinta de recreio, com o título de “jardineiro de flores” e ganhando 172\$000 reais por mês (RODRIGUES 2011b, p. 55). Não obstante o estatuto e salário de Gerrit van der Kolk ser muito elevado e aproximar-se dos arquitetos envolvidos no projeto de Queluz, não deixou de ser uma exceção. Os demais jardineiros da Real Quinta de Queluz não se comparam com este caso.

Ainda que exista muita documentação nesta baliza cronológica que mereça uma investigação aprofundada, podemos com a análise de um só documento apurar muita informação sobre as funções, privilégios e salários dos jardineiros da Quinta Real de Queluz, em 1824, onde trabalhavam três jardineiros: José Ferreira Araújo era o jardineiro do Jardim do Palácio; Diogo dos Santos do Jardim Novo e Manuel António do Jardim Botânico⁷⁶. O autor do documento Germano Alexandre Queirós Ferreira aponta a vontade de ter um jardineiro em cada uma das quintas régias⁷⁷.

⁷⁶“Relação dos Trabalhadores, que ficão effectivamente trabalhando nas Reaes Quintas de Queluz

Partidos e Nomes	Observaçõens
Jardim do Palacio	
Joze Ferreira Araujo.....	Jardineiro
Custodio Francisco Gomes.....	Trab.antigo, e de tizoura
Paulo Ferreira.....	D.º.....de d. ^a
Jeronymo do Rozario.....	D.º.....de d. ^a
Joze Pereira.....	D.º.....de d. ^a
Jeronymo de Bastos.....	D.º.....de d. ^a
Francisco Pereira.....	D.º.....de d. ^a
Custodio Joze.....	Morderno, Criado de S. Mag.e

Jardim Novo

Diogo dos Santos.....Jardineiro

João Antunes.....Aj.e do d.º e de tizoura

João dos S.tos Carnide.....Trab.or antigo, e de d.^a.....”. Cf. ANTT, Registo dos Officios pertencentes à Administração das Reaes Quintas do Infantado de Queluz, Caxias e Bemposta desde 10 de Maio de 1815 em que se principiou a administralas o actual Inspector e Administrador Germano Alexandre de Queirós Ferreira, lv. 1389, fls. 11-12.

⁷⁷ “Relatorio circunstanciado do estado actual da Administração das Reaes Quintas do Infantado, declarando tudo quanto lhe pertence, e he sugeito

...A quinta Velha de Queluz está dividida em três Partidos que são = Jardim do Palacio = Jardim Novo = e Jardim Botânico = e a cada hum destes lhe pertence vários Bosques, e Ruas, afim de se facilitar melhor o seu tratamento, incumbido aos diferentes Jardineiros; e cada hum destes Jardins tem a gente regulada ultimamente a esse, digo para esse fim. [...] Pelo que respeita à Quinta de Caxias, acha-se dividida em dois Partidos = a saber = Jardim = e Quinta = incluzive = Vinha = Pelo Jardim responde o seu Jardineiro, e pela Quinta o cazeiro: ambos estes Partidos tem gente destinada ao seu tratamento, na forma dos de Queluz.

Quanto a Quinta ou Horta da Bemposta,

Com o jardineiro José Ferreira Araújo trabalhava o hortelão Luís Fernandes (o que mostra que nesta altura já se fazia a diferenciação entre o cargo de jardineiro e o de hortelão) e nove trabalhadores (Custódio Francisco Gomes, Miguel Fernandes, Jerónimo de Bastos, Paulo Ferreira, Custódio José, José Pereira, Sabino António, José de Jesus, José Vicente Tinoco).

Com Diogo dos Santos trabalhavam como ajudante João Antunes e os trabalhadores Tomás da Costa, Joaquim António, Manuel José, João António, José da Cruz, Manoel Pedro, José Duarte, Francisco da Silva, Manuel de Souza, Pascoal da Silva. Diogo dos Santos tinha ainda a cargo um pagamento para a viúva do anterior jardineiro chamada Balbina Teresa.

Finalmente, no Jardim Botânico encontrava-se à frente dos trabalhos o jardineiro Manuel António, seguido do seu ajudante Jerónimo Gonçalves e depois os trabalhadores António Pires, Francisco José, Francisco António Queijas, João Antunes moço, José Ferreira, Manuel da Silva, Miguel Antunes e José Pedro. Para além dos mencionados, no Jardim Botânico, como se tratava de um jardim fechado, existia a função de porteiro que era desempenhada por António Ferreira⁷⁸.

Existia preocupação em garantir o soldo do jardineiro de 300 reais por dia. Por exemplo, quando lhes foram retirados 100 reais a esta quantia durante as Invasões Francesas⁷⁹, houve depois preocupação em que os jardineiros recuperassem do prejuízo. Mais tarde, solicita-se o aumento do ordenado de 300 reais por dia para 350, com o argumento de os demais trabalhadores de hierarquias inferiores terem sido aumentados e ser agora pequena a diferença salarial face ao jardineiro (considerado o cargo mais elevado na hierarquia dos que cuidavam dos jardins). Ainda apresentaram como fundamento para o aumento de salários o facto de padecerem da mesma carestia que os outros trabalhadores e, por outro lado, afirmam que se ganhassem melhor não teriam

A Quinta, ou Horta da Bemposta está dividida em dois Partidos, a saber = Jardim = e Horta = e cada hum delles a cargo do Jardineiro, e Cazeiro, com a sua respectiva gente". Ibidem, fl. 33v-35.

⁷⁸ Ibidem, fl. 36 e 36v.

⁷⁹ Cf. "José Ferreira Araújo, jardineiro da Real Quinta de Queluz, vence o jornal de 300 reis por dia "porem na Epoca do Intruzo Governo Francez/tempo em que governou as Reaes Quintas o dito João Chrysostomo/consta-me se lhe abateu no seu vencimento, 100 r por dia". Cf. Ibidem, fl.s. 4v. e 5.

tendência a extraviar produtos sobre os quais tinham obrigação de zelar⁸⁰. Aliás, é sabido que os trabalhadores das Reais Quintas faziam hortas no seio das mesmas para uso próprio e isso foi proibido⁸¹.

Para além do salário, era garantido aos jardineiros moradia na quinta, ou equivalente em rendimento que lhes permitisse alugar uma casa, e no caso de serem solteiros, poder-se-iam alojar na Casa de Malta que existia na dita quinta⁸². Se não existisse já uma casa, como chegou a acontecer na Real Quinta da Bemposta, construía-se uma barraca para o jardineiro, que ficava separado de todos os outros trabalhadores que ficavam todos juntos numa só barraca⁸³.

Os jardineiros das Reais Quintas estavam claramente protegidos socialmente, quer no caso de doença quer no caso de prisão. Por exemplo, quando um jardineiro e um trabalhador foram presos sem o conhecimento do diretor, o mesmo escreveu de imediato ao rei a comunicar a sua estranheza especialmente por se tratar de “*Jardineiro, Cazeiro ou Official empregado nas Repartiçoens das Suas Reaes Quintas*”⁸⁴.

⁸⁰ “...mas todos os outros Cazeiros, e Jardineiros, e mais alguns empregados nas Reaes Quintas/ que tenho a honra de administrar/e que persebem o jornal de 300 r. diários, merecem o augmento a 350 r., não menos que por três razoens= 1^a Ter sido há tempos augmentado o jornal dos Trabalhadores das Reaes Quintas de 240 reis, a 280 r. nos dias de trabalho, ficando quem os dirige no antigo vencimento, e por consequente, com 20 reis unicamente de mais, se bem que vencem diariamente = 2^a Que a razão que assistia aos Trabalhadores, quando requererão o augmento de Jornal, allegando a carestia de viveres persiste também a estes, pois ate vivem nos mesmos sítios = 3^a Porque julgo, que hum empregado, vencendo hum Ordenado com que possa manter-se, e sua família/ainda que parcamente/he hum obstáculo que impede a extraviarem por vários modos, aquilo de que se achão encarregados...”. Ibidem, fl.s. 8v. e 9.

⁸¹ “Art.º 13º. As Hortas e Jardins das Pessoas Reaes deverão conservar-se, as mais porem que pertencerem a criadas, ficão prohibidas, e ficará encarregado da Direcção das Agoas para ellas, o Fiel dos Aqueductos da Gargantada, e Almarjão”. Ibidem.

⁸² “Todos os Cazeiros, Jardineiros e Porteiros das Reaes Quintas sempre se lhe derão Cazas da Real Fazenda para morarem, e quando as não havia, se lhes tem pago rendimento das mesmas Quintas; o que he de Justiça, visto que ate os Trabalhadores Solteiros tem hua Caza de Malta em cada Quinta”. Ibidem, fl. 25.

⁸³ “...Obras a fazer na Bemposta / Necessitão-se fazer três Barracas, hua para o Jardineiro morar, outra para dormirem os trabalhadores, e outra para recolher os Bois da Nora: Todas estas accomodaçoens havião, mas forão ultimamente demolidas pela Repartição das Obras Publicas, por estorvarem as Obras que ali se tem feito para Cocheiras, Cavallariças, V.^a julgando portanto acertado que pela mesma repartição fossem feitas estas barracas”. Ibidem, fl. 52.

⁸⁴ “Tenho a honra de participar a V.^a Ex.^a que hoje pelas seis horas da manhã foi prezo o Jardineiro do Real Jardim Botânico de Queluz, Manoel Antonio, na occasião em que hia a entrar a Porta de Ferro da mesma Real Quinta; ignoro à Ordem de quem, e porque motivo, e igualmente foi prezo esta noite pela hua hora em sua Caza hum trabalhador do referido Real Jardim, por nome João Antunes. Em consequência da prizão do Jardineiro, Ordenei que

O jardineiro tinha a seu cargo vários trabalhadores e alguma responsabilidade burocrática sobre os mesmos, como, por exemplo, preencher todos os sábados a Folha⁸⁵ com os trabalhadores que estiveram ocupados durante essa semana. Folhas estas que deveriam estar sempre assinadas igualmente pelo apontador⁸⁶. O jardineiro tinha também a seu cargo o cuidado e tratamento dos viveiros, com a incumbência de todos os meses dar conta da despesa que teve com eles⁸⁷. E deviam apanhar os ananases assim que estes estivessem maduros⁸⁸.

Entre as funções destes jardineiros da Quinta Real de Queluz incluía-se o transporte das flores que as reais quintas tinham obrigação de dar para o Real Trono da Capela da Bemposta e para o Paço de Belém⁸⁹.

fizesse o seu lugar imediatamente o Ajudante do sobredito Jardim, Jeronymo Gonçalves: He o que tenho a honra de levar ao Conhecimento de V.^a Ex.^a; restando-me unicamente ponderar que ignoro as Ordens que estão prezentemente passadas sobre a maneira de serem prezos Individuos das Reas Quintas, pois as que ate agora se achavão em pratica, erão de me ser expedido hum Avizo em Nome de Sua Magestade, declarando o Individuo que devia ser prezo, e muito principalmente sendo Jardineiro, Cazeiro ou Official empregado nas Repartiçoens das Suas Reaes Quintas. Ajuda em 11 de Outubro de 1824". Ibidem, fl. 42.

⁸⁵ Sobre esta organização *vide* o capítulo sobre o funcionamento do *Laboratorio* de Machado de Castro, in RODRIGUES 2012, pp. 73-90.

⁸⁶ "Art.º 15º / Os Jardineiros deverão fazer em todos os Sabbados a Folha individual da gente que occuparão no trabalho da Semana destas Folhas, deverão ser sempre assinadas pelo Apontador, para virem unidas à Folha Geral, que impreterivelmente se deve apresentar de dois, em dois mezes. Os Mestres das Obras deverão igualmente fazer as Folhas Semanal dos Officiaes, Aorendizes, e Trabalhadores, que tiverem em cada hua semana, e estas do mesmo modo serão assinadas pelo Apontador.". Ibidem, fls. 47-51v.

⁸⁷ "Art.º 16º / O Cuidado e tratamento dos Viveiros ficará a cargo do Jardineiro, onde elles estiverem; o qual dará conta todos os mezes da despeza que fizer com elles, assim como do augmento, ou diminuição, que haja na Criação dos mesmos. Cf. Ibidem, fls. 47-51v.

⁸⁸ "Pelo que respecta aos Ananazes, e Flores, que V. Ex.^a vio levávão os Jardineiros, he do meu dever expor a V. Ex.^a que o Fruto do Ananaz sendo mui delicado, deve ser imediatamente cortado logo que chega ao estado perfeito de sua maturação, e por consequência estava ordenado ao Jardineiro do Jardim Botanico, que havendo algum neste estado, os remetesse logo aos Reaes Senhores; e em quanto as Flores, e demais frutos raros/que me consta terem sido huns Vanunculos, e Tangerinas/serião talvez huns Vâunculos, resto das raízes antigas, e já degeneradas, que o Jardineiro do Jardim do Palacio costuma semear em roda do Talhão onde se acha o Viveiro pequeno, e que similhante qualidade de Flores sempre brota mais cedo, do que a Época própria da Semana Santa, o que daria motivo a levarem as mesmas flores, bem como as Tangerinas de huas pequenas arvores deste género, existentes no dito talhão". Ibidem, fl. 46-46v.

⁸⁹ "Para João Lourenço de Andrade

Acabo agora mesmo, aqui na Secretaria, de receber a sua Carta, relativa à remessa das flores das Quintas, para o Paço de Belém, depois de se enviarem de lá, as que são do costume, e obrigação darem-se, visto lhe constar, que em Queluz há mais alguas.

As flores em Queluz, bem como em Caxias, as vi Sabbado, e em ambas as partes quazi que nenhua há comparadas com a abundância dos mais annos/não obstante estarem plantados desde 16 de Setembro passado.

Sem as Quintas de obrigação darem para o Throno da Real Capella da Bemposta a seguinte porção de flores, a saber – Os 3 Jardins de Queluz, dois tabuleiros cada hum; e o Jardim de

O *topiarus*, também considerado jardineiro por Bluteau, nos jardins de Queluz constituía um cargo claramente abaixo do de jardineiro, mas especializado e, por isso, distinguindo-se do trabalhador comum. Aliás, quando têm de reduzir pessoal o diretor evitar despedir o *topiarus* pois “ os Trabalhadores de Tisoira, em todo o cazo devem ficar, pois custão 4 a 5 annos a aprender perfeitamente as tosquias dos Jardins e arvores altas”⁹⁰. Estes trabalhadores deviam ser tão preciosos para a conservação dos jardins que quando, por requisição do exército, dez trabalhadores são levados das Reais Quintas de Queluz, o diretor fica especialmente preocupado se terão levado alguns dos seus homens de “tosquia” pois esta arte requer, e vemos que enfatiza face ao dito anteriormente, “cinco a seis annos de aprendizagem”⁹¹.

Caxias – dois tabuleiros, fazendo o total 8 tabuleiros; destas me consta que os empregados na Capella da Bemposta, repartem com a abundância para fora, pela demaziada quantidade; por tanto lembra-me que este anno/vista a falta/ se lhe remettão 4 tabuleiros, pois tem bastantes flores para hum só Throno; não ficando este exemplo para os annos seguintes. Em quanto à remessa do resto dellas, eu vou passar as Ordens para Queluz e Caxias, para que a manhã ate ao meio dia, enviem os Jardineiros ao Fiel da Quinta de Belem, todas as flores, que sobejarem...”. Ibidem, fls. 7v. e 8.

⁹⁰ Ibidem, fl. 10v.

⁹¹ “Tenho a honra de participar a V. Ex.^a que acaba neste momento de me comunicar pessoalmente o Cazeiro da Real Quinta da Bemposta que hoje pelas quatro horas da madrugada entrarão dentro tanto daquella Real Quinta, como da Nova Quinta do mesmo Sitio que se anda fazendo, o Corregedor do Bairro d’Andaluz, hum Major do Corpo da Guarda Real da Policia, e muitos soldados de Cavallaria do dito Corpo, e outros de Infantaria, e tendo corrido, e revistado o Jardim, e Quintas levarão presos alguns dez homens, trabalhadores empregados nos trabalhos da referida Quinta Nova.

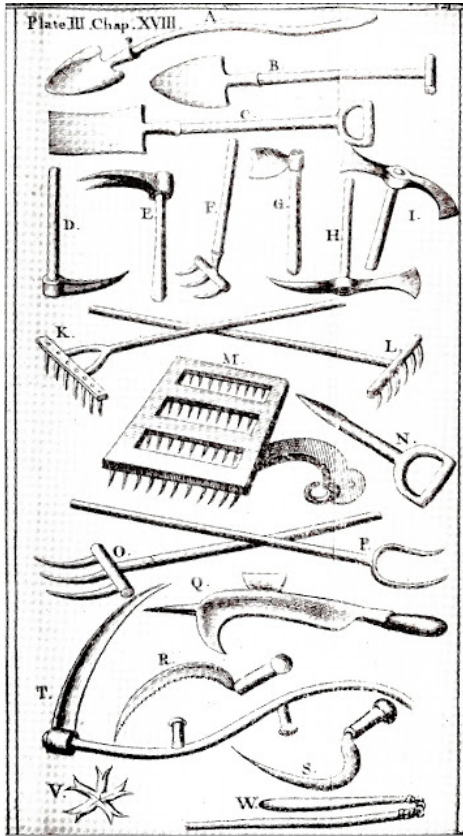
O fim desta diligencia creio ser o do novo Recrutamento para o Exercito, conforme as Ordens que se achão passadas para isso; porem não tendo eu sido prevenido a similhante respeito, como he a pratica em occazião de qualquer diligencia dentro nas Reaes Quintas, he do meu indispensável dever immediatamente levar ao Conhecimento de V. Ex.^a tal successo; não obstante estar bem capacitado que ella senão fez sem positiva Ordem de Sua Magestade, communicada a V.Ex.^a pelo Mesmo Augusto Senhor.

He igualmente do meu dever representar a V. Ex.^a que, Ordenando agora Sua Magestade que os Empregados nas Suas Reaes Quintas não gozem do Privilegio de serem izemptos do Recrutamento, o que ate aqui tem constantemente gozado por Determinação do Mesmo Senhor, queira V. Ex.^a neste caso ponderar lhe que ao menos sejam privilegiados os trabalhadores de Tosquias, pois que estes para serem perfeitos como os que existem nas Reaes Quintas precizão cinco para seis annos de aprendizagem, e se forem recrutados alguns que estiverem comprehendidos no Recrutamento soffrerá infalivelmente grande prejuizo o tratamento necessário, e o melhor em que he da minha obrigação conservar os Reaes Jardins.

...Ajuda em 16 de Outubro de 1825 = Ill.mo e Ex.mo Sr. Visconde de Villa Nova da Rainha = Germano Alexandre de Queirós Ferreira”. Ibidem, fls. 58-58v.

Com o que trabalhariam estes jardineiros?

“Inventario dos Utensilios, e outros Objectos existentes no Jardim e Horta da Real Quinta da Bemposta, e de que fiz entrega ao Sr. Joze Baptista, no dia 29 de Dezembro de 1825 = a saber



Ferramentas de jardinagem in Richard Bradley, *Survey of Ancient Husbandry and Gardening*, 1725.

Utensilios do Jardim

*Duas tizoiras de mão
Tres sachos de pá e bico⁹²
Seis regadores⁹³
Hum cabaço de Folha de Flandres
Dois cestos⁹⁴
Hum sachos de plantas⁹⁵
Hum ferro de metter buxo
Hua linha⁹⁶
Hum carro de tosquia
Hua chave do dito*

Utensilios da Quinta

*Quatro enxadas
Hum engaço
Cinco sachos de plantas
Dois ditos de pá e bico
Hua sachola
Hua dita de regar
Duas Chaves de abrir tanques
Hum ancinho⁹⁷
Dois repuxos de latão⁹⁸
Hua torneira de bronze
Quatro foices
Hum ferro de aguilhada
Duas cordas⁹⁹.*

⁹² Deve tratar-se do sachos de plantar ou de bico que serve para dispor plantas de pequeno porte, que se trabalha abaixado. Cf. RODRIGO 1945, p. 30.

⁹³ Regadores destinados a regar manualmente pequenas extensões. Cf. RODRIGO 1945, p. 30.

⁹⁴ Os cestos na jardinagem servem geralmente para transportar materiais leves. Cf. RODRIGO 1945, p. 31.

⁹⁵ Equivalente ao sachos de plantar.

⁹⁶ A linha na jardinagem serve para definir alinhamentos. Cf. RODRIGO 1945, p. 31.

⁹⁷ O ancinho serve para extrair e remover pedras pequenas ou ervas num processo de destorroamento e alisamento da superfície do terreno. Cf. RODRIGO 1945, p. 30.

⁹⁸ Repuxos de latão são os elementos que permitem a saída da água nos lagos e pelo nome, provavelmente destinando-se a jogos de água.

⁹⁹ Cf. ANTT, Registo dos Officios pertencentes à Administração das Reaes Quintas do Infantado de Queluz, Caxias e Bemposta desde 10 de Maio de 1815 em que se principiou a administralas o actual Inspector e Administrador Germano Alexandre de Queirós Ferreira, lv. 1389, fl. 61v. e 62.

Segundo o inventário dos utensílios e objetos que se encontravam na Real Quinta da Bemposta constatamos que os utensílios dos jardineiros que trabalhavam nos jardins eram um pouco diferentes dos caseiros que tinham a cargo o cuidado das quintas. Assim, destacam-se como principais utensílios dos jardineiros (e que não existiam na quinta) as tesouras de mão, um ferro de podar o buxo e um carro de tosquia – todos utensílios necessários para a arte da topiária¹⁰⁰.

Durante a Idade Moderna há toda uma literatura dedicada à arte dos jardins (RODRIGUES 2011a), mas destacamos como livros especialmente dedicados aos jardineiros enquanto cultivadores de flores: *Les délices de la campagne: suite du “Jardinier François”, où est enseigné à préparer pour l’usage de la vie tout ce qui croist sur la terre et dans les eaux* (1665)¹⁰¹; de Louis Liger, *Le jardinier fleuriste et historiographe; ou la culture universelle des fleurs, arbres, arbustes et arbrisseux, servans à l’embellissement des jardins* (1706)¹⁰², com nova edição em 1754; e *Le menage des champs et de la ville, ou le nouveau jardinier françois accommodé au goust du temps* (1737).

A importância que o jardineiro alcança no século XIX traduz-se no número de almanaques publicados então, como o *Almanach do jardinier par les redacteurs de la maison rustique du 19eme siècle*¹⁰³; e de Bradley, *Calendrier du Jardinier, avec la description d’une bonne serre* (1783). E mesmo em língua inglesa, como de Thomas Mawe e de John Abercrombie, *Every man his own gardener: being a new and much more complete gardener’s calendar, and general director than any one hitherto published* (1797) e de John Abercrombie, *The British Fruit-gardener and art of pruning* (1779). Como já dissera Sousa Viterbo existe pouca produção teórica sobre a arte dos jardins de autoria portuguesa, mas existem alguns textos especificamente dedicados a jardineiros em língua

¹⁰⁰ Definida por Bluteau como “Lavores, que se fazem nos jardins, tosquiando a murta, ou buxo, ou qualquer outra planta, & dando-lhe varias figuras, Topia, orum. Neut. Plur. Ou Topiarum varietates, Vitruv, ou Historiale opus. Plin ou Topiarum opus (por estas ultimas palavras entendem huns payzes, representandos em payneis, ou em tapeçarias). A arte de fazer estes lavores. Ars topiaria, ou Topiaria, so subintelligitur Ars. Fazer nos jardins este género de lavores. Topiarium facere. Cousa concernente a este género de lavores. Topiarus, a, um. Cic.”. Cf. BLUTEAU 1728, tomo IV, p. 15.

¹⁰¹ Paris: par la Compagnie des Marchands Libraires, 1665.

¹⁰² Amsterdam: [s.n.], 1706.

¹⁰³ Paris: Pagnerre: Librairie Agricole, [1843?-1866].

portuguesa, já do início do século XIX como o *Almanak do perfeito jardineiro*, composto por Pedro Vieira na oficina de Joaquim Florencio, e publicado em Lisboa no ano de 1805; o *Almanack do perfeito jardineiro com as luas calculadas*, criado por Damião Francês, da Impressão Alcobia e publicado em Lisboa no ano de 1812 e, no mesmo ano, Anaclato Camilo Antunes compunha um *Novo diário do lavrador, e do jardineiro, e prognostico geral para o anno...*, desta feita na Impressão Regia em Lisboa. De Lobo Gaspar da Conceição chega-nos *O jardineiro, anthologia ou tratado das flores: aos amantes da jardinagem* (1824). Em termos de revistas periódicas oitocentistas destaca-se o *Jornal de Horticultura Pratica*.

A investigação arquivística sobre o jardineiro em Portugal durante a Idade Moderna permite-nos saber que os jardineiros e os hortelãos gozavam de alguns privilégios, mas no geral, a sua função era a do cultivo das espécies vegetais, o arranjo e a manutenção dos jardins, mas não o desenho do jardim, a ação mental que os elevaria a artistas. Em Portugal, o jardineiro era um artesão.

MANUSCRITOS

Arquivo Distrital de Portalegre

Ouvidoria da Comarca de Avis 1596/1840, Cx. 6.

Provedoria da Comarca de Elvas 1558/1834, Cx.1, 2, 4, 5, 7, 10, 11, 13, 14, 18.

Testamentos cerrados, Cx. 6, 12.

Arquivos Nacionais/Torre do Tombo

Chancelarias de D. Manuel I, liv. 2, fol. 114

Chancelaria de D. Manuel I, liv. 6, fl. 100v.

Chancelaria de D. Manuel I, liv. 7, fl. 22v.

Chancelaria de D. Manuel I, liv. 7, fl. 28v.

Chancelaria de D. Manuel I, liv. 17, fl. 10.

Chancelaria de D. Manuel I, liv. 19, fl. 6v.

Chancelaria de D. Manuel I, liv. 36, fl. 51.

Chancelaria de D. Manuel I, liv. 41, fl. 12, 30v. e 40v.

Chancelaria de D. Manuel I, liv. 44, fl. 86v.

Chancelaria de D. Filipe II, Doações, liv. 9, fl.. 331

Corpo Cronológico, Parte I, mç. 24, nº 88.

Corpo Cronológico, Parte I, mç. 99, nº 27.

Corpo Cronológico, Parte I, mç. 110, nº 9.

Corpo Cronológico, Parte II, mç. 8, nº 54.

Corpo Cronológico, Parte II, mç. 24, nº 28.

Corpo Cronológico, Parte II, mç. 45, nº 167.

Corpo Cronológico, Parte II, mç. 47, nº 93.

Corpo Cronológico, Parte II, mç. 60, nº 25.

Registo Geral de Mercês, D. Afonso VI, liv. 12, fl. 229v.

Registo Geral de Mercês de D. Pedro II, liv. 6, fl. 239.

Registo dos Officios pertencentes à Administração das Reaes Quintas do Infantado de Queluz, Caxias e Bemposta desde 10 de Maio de 1815 em que se principiou a administralas o actual Inspector e Administrador Germano Alexandre de Queirós Ferreira.

FONTES IMPRESSAS

ABERCROMBIE 1779

John **ABERCROMBIE**. *The British Fruit-gardener and art of pruning*. London: Lockyer Davis.

ABERCROMBIE 1797

John **ABERCROMBIE** et al. *Every man his own gardener: being a new and much more complete gardener's calendar, and general director than any one hitherto published*, London: [s.n.].

Almanach do jardineiro par les redacteurs de la maison rustique du 19eme siècle. Paris: Pagnerre: Librairie Agricole.

ANTUNES 1812

Anaclato Camilo **ANTUNES**. *Novo diário do lavrador, e do jardineiro, e prognostico geral para o anno...* Lisboa: Impressão Regia.

BLUTEAU 1728

Rafael **BLUTEAU**. *Vocabulario Portuguez e latino, aulico, anatômico, architectonico, bellico, botânico, brasílico, cómico, critico, chimico, digmatico, dialéctico, dendrologico, ecclesiastico, etymologico, económico, florífero, forense, fructifero...* Coimbra: no Collegio das Artes da Companhia de Jesu.

BOYCEAU 1638

Jacques **BOYCEAU** de la Barauderie. *Traité du jardinage selon les raisons de la nature et de l'art Ensemble divers desseins de parterres, pelouzes, bosquets, & autres ornements servans a l'embellissement des jardins*. Paris: M. Vanlochom.

BRADLEY 1783

BRADLEY. *Calendrier du Jardinier, avec la description d'une bonne serre*. Paris: chez Lamy.

CADORNEGA 1982

António **CADORNEGA**. *Descrição de Vila Viçosa*. Lisboa: Imp. Nac.- Casa da Moeda.

CHAMBERS 1772

William **CHAMBERS**, *A Dissertation on Oriental Gardening*. London: W. Griffin.

CONCEIÇÃO 1824

Lobo Gaspar da **CONCEIÇÃO**. *O jardineiro, anthologia ou tratado das flores: aos amantes da jardinagem*. Coimbra: Real Impr. Da Universidade.

DAMIÃO FRANCEZ 1812

DAMIÃO FRANCEZ. *Almanack do perfeito jardineiro com as luas calculadas*. Lisboa: Impressão Alcobia.

Les délices de la campagne: suite du "Jardinier François", où est enseigné à preparer pour l'usage de la vie tout ce qui croist sur la terre et dans les eaux, Paris: par la Compagnie des Marchands Libraires, 1665

LIGER 1737

Louis **LIGER**. *Le jardinier fleuriste et historiographe; ou la culture universelle des fleurs, arbres, arbustes et arbrisseux, servans à l'embelissement des jardins*. Amsterdam: [s.n.], 1706.

Le menage des champs et de la ville, ou le nouveau jardinier françois accommodé au goust du temps. Paris: chez Paulus du Mesnil, 1737.

VIEIRA 1805

Pedro **VIEIRA**. *Almanak do perfeito jardineiro*. Lisboa: oficina de Joaquim Florencio.

BIBLIOGRAFIA

CADORNEGA 1985

António de Oliveira de **CADORNEGA**, *Descrição da mui populosa e sempre leal Vila Viçosa...*, Lisboa: IN-CM, col. Biblioteca de Autores Portugueses.

CARAPINHA 1995

Aurora **CARAPINHA**. *Da essência do Jardim Português*. dissertação de doutoramento, Universidade de Évora (texto policopiado).

CARITA 1990

Hélder **CARITA** et al. *Tratado da Grandeza dos Jardins em Portugal ou da originalidade e desaires desta arte*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1990 [1ª ed. Lisboa: Edição de autores, 1978].

CONAN [s.d.]

Michel **CONAN**, *Dictionnaire historique de l'art des jardins*. [Paris]: Hazan.

CORREIA 1989

Joaquim Manuel da Silva **CORREIA**, et al. *O Paço Real de Salvaterra de Magos: a corte, a ópera, a falcoaria*. Lisboa: Livros Horizonte.

FAZIO 2004

Fausta Mainardi **FAZIO**. *O calendário do jardineiro: semear, plantar, regar, lavrar...* Lisboa: Presença.

LE DANTEC 1996

Jean-Pierre **LE DANTEC**. *Jardins et Paysages*. [s.l]: Larousse.

LUCKHURST 2011

Gerald **LUCKHURST** – “Entre a arte e a natureza: os jardins rococó de Queluz”, *Os Jardins do Palácio Nacional de Queluz*. Lisboa: PNQ/IN-CM, pp. 15-41.

MORI 1979

Osamu **MORI**. *Le jardin japonais*. Office du Livre, 1979.

RODRIGO 1945

Joaquim **RODRIGO**. *Jardinagem*. Lisboa: Livraria Luso-espanhola.

RODRIGUES 2004

Ana Duarte **RODRIGUES** – “A estatuária e a imaginária: entre a práxis do *Laboratorio* e a subcontratação”, coord. Ana Duarte Rodrigues e Anísio Franco, *O Virtuoso Criador. Joaquim Machado de Castro (1731-1822)*, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda e Museu Nacional de Arte Antiga, 2012, pp. 73-90.

RODRIGUES 2011a

Ana Duarte **RODRIGUES** – “O conhecimento teórico ao alcance de arquitetos e jardineiros em Portugal durante a Idade Moderna”, coord. Ana Duarte Rodrigues e Rafael Moreira, *Tratados de Arte em Portugal/ Art Treatises in Portugal*, Lisboa: Scribe, pp. 119-144.

RODRIGUES 2011b

Ana Duarte **RODRIGUES** – “O triunfo da escultura de jardim em Queluz”, *Os Jardins do Palácio Nacional de Queluz*. Lisboa: PNQ/IN-CM, pp. 45-121.

SENOS 2002

Nuno **SENOS**. *O Paço da Ribeira*. Lisboa: Livros Horizonte.

VITERBO 1904

Sousa **VITERBO**. *Dicionário Histórico e Documental dos Arquitectos, Engenheiros e Construtores Portugueses*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1988 (ed. Fac. símile de 1904).

VITERBO 1906

Sousa **VITERBO**. *A jardinagem em Portugal*. Segunda série. [Coimbra: Imprensa da Universidade].

ANEXO – Tabela atualizada com o nome de hortelãos/jardineiros

Lista de Sousa Viterbo - 1906	Lista atualizada - 2012 (só entre a baliza cronológica 1494-1824)
<p>Alvares (Rodrigo) Alves (Bento Antonio) Anes (Pero) Barreto Bergman (Ernest) Bonard Carvalho (Jeronymo de) Cayeux (Henry Fernand Adolphe) Claes (Florent) Costa (Antonio) Cruz (Antonio da) Daveau (Jules Alexandre) David (Emilio) Fernandes (Antonio) Fernandes (Gomes ou James) Francisco (João) Goetze (Dr. Edmond) Gomes (João José) Gomes de Macedo (José) Gonçalves (Amaro) Gonçalves da Costa (Domingos) Gonçalves (Manuel) Gonçalo (João) Knott (Edmond) Loureiro (José Marques) Luiz (Nicolau) Mattiazzi (Giulio) Maurier (Pedro) Monteiro (Antonio) Nogré (F.) Pissard (Ernest François) Rodrigues da Costa (Diogo) Rosenfelder (João) Saldanha Machado (Joaquim Januario) Santos Ribeiro (José dos) Sequeira (Christóvão de) Silva (Antonio Fernando) Spalla Staley (Thomas) Velanes (Pasquim) Weiss (Jacob) Welwitsch (Frederico)</p>	<p>Afonso (Fernão de) Afonso (Gonçalo) Afonso (João) Afonso (Manuel) Alcalá (Afonso de) Alcalá (Miguel de) Alvares (Rodrigo) Álvares (João) Alves (Bento Antonio) Anes (Pero) António (Domingos) António (Manuel) Araújo (José Ferreira) Barreira (Filipe de) Barreto Bergman (Ernest) Bonard Caetano (José) Carvalho (Jeronymo de) Cayeux (Henry Fernand Adolphe) Claes (Florent) Costa (Antonio) Costa (Diogo Rodrigues da) Cruz (Antonio da) Daveau (Jules Alexandre) David (Emilio) Dias (Domingos) Faleiro (António Martins) Felices (João) Fernandes (Álvaro) Fernandes (Antonio) Fernandes (Domingos) Fernandes (Gomes ou James) Fernandes (Jaime) Fernandes (João) Fernandes (João) II Fernandes (Manuel) Fernandes (Manuel) II Fernandes (Manuel) III Fernandes (Manuel) IV Fernandes (Manuel) V Fernandes (Pedro) Fernandes (Sebastião) Francisco (João) Goetze (Dr. Edmond) Gomes (João José) Gomes (Manuel) Gomes de Macedo (José) Gonçalves (Amaro) Gonçalves (André) Gonçalves da Costa (Domingos)</p>

	Gonçalves (Diogo) Gonçalves (Diogo) Gonçalves (Domingos) Gonçalves (Domingos) II Gonçalves (Manuel) Gonçalves (Mateus) Gonçalves (Pero) Gonçalo (João) Jorge (João) Knott (Edmond) Lima (António Ferreira) Lores Loureiro (José Marques) Lourenço (Gonçalo) Lourenço (Manuel) Luiz (Nicolau) Martins (Diogo) Mattiuzzi (Giulio) Maurier (Pedro) Mexia (Pero Vaz) Monteiro (Antonio) Monteiro (Diogo) Nogré (F.) Nunes (Francisco) Nunes (Manuel) Pedro (Mestre) Pires (Álvaro) Pissard (Ernest François) Ribeiro (Miguel) Rodrigues da Costa (Diogo) Rodrigues (António) Rodrigues (Domingos) Rodrigues (João) Rodrigues (Manuel) Rodrigues (Sebastião) Rosenfelder (João) Saldanha Machado (Joaquim Januario) Santos Ribeiro (José dos) Santos (Diogo dos) Sequeira (Christóvão de) Silva (António Afonso da) Silva (Antonio Fernando) Silva (António da) Spalla Staley (Thomas) Troiano (António) Vaz (Jorge) Vaz (Pero) Velanes (Pasquim) Weiss (Jacob) Welwitsch (Frederico)
--	--